

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XX

FEVEREIRO 1959

N.º 149

Mensagem de saudação

do Presidente da União Portuguesa

Apraz-nos saudar a bela família adventista de Portugal e Ultramar através da nossa querida Revista. O Senhor nos chamou para esta secção da Sua Seara e cá estamos já entregues aos nossos novos deveres.

Estamos contentes por poder colaborar convosco na evangelização dos territórios desta União. Já me foi dado o privilégio de contactar com um bom número de obreiros e membros, de todos guardando a melhor impressão. Necessitamos duma sempre maior consagração ao trabalho a fim de que a ordem «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura» possa ser rapidamente cumprida. Deus realiza o seu programa na terra através de homens e mulheres consagrados, que Se Lhe entregam sem reservas ao Seu serviço. Estou contente por saber e verificar que o Senhor tem muitos destes instrumentos entre os obreiros e leigos desta União.

Há, sem dúvida, ainda muito para fazer e hostes de pessoas a salvar, aguardando ser chamados e reclamados por Deus.

Faço planos para visitar todos os sectores da nossa União, a fim de melhor poder colaborar convosco. Há um grande trabalho a ser feito e apenas o poder do Espírito Santo nos dará o êxito almejado.

Creio estarmos no tempo em que cada um de nós, dirigentes, obreiros e leigos, nos devemos consagrar de novo e inteiramente a Deus, levantando-nos para terminar a grande tarefa que nos foi confiada.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1959

Armando J. S. Casaca

O PAPA PIO XII e a volta de Jesus

POR _____
JULES BOUREAU

Num dos seus últimos discursos, o falecido papa Pio XII salientou uma preocupação religiosa sobre os motivos políticos. Ao evocar a noite estranha de fricção e temores que se inicia, actualmente, sobre a Terra, o falecido papa fez uma alusão comovedora, nova e inesperada acerca da volta de Jesus Cristo.

No seu sermão da Páscoa, o papa começou a destacar que «os homens de todas as nações e de todos os continentes estão forçados a levar uma vida desorientada e trepidante, num mundo perturbador que anda ao contrário. Tudo se tem tornado relativo e provisório, porque tudo perde, cada dia mais, a sua eficiência e a sua eficácia. O erro, nas suas inumeráveis formas, tem reduzido à escravidão a inteligência de muitos seres humanos, inclusive a de selectos intelectuais. A má conduta, nos seus múltiplos aspectos, tem alcançado tal grau de precocidade, de imprudência e de universalidade, que os que reflexionam sobre a sorte do mundo se acham seriamente preocupados. A humanidade parece-se com um corpo ferido e infectado, em que o sangue circula com dificuldade, porque os homens se obstinam na divisão e porque as classes e os povos não se harmonizam bem. E, ainda que se conheçam uns aos outros, odeiam-se, conspiram, lutam e destroem-se. Esta noite do mundo parece um sinal inconfundível de uma aurora que virá, aurora de um dia inundado com os raios de um Sol novo e independente».

Quais serão os sinais de um novo mundo? A Bíblia, toda a Bíblia não é mais do que um grande discurso escatológico em que se apresentam somente duas perspectivas: um mundo mau destinado a perecer, e um mundo admirável, chamado a subsistir para sempre, que há-de surgir no futuro. As duas perspectivas, entre as quais

se encontra a cruz que as concilia e as explica, estão sempre separadas, ainda que às vezes pareçam confundir-se em um só quadro. Este mundo mau, onde vivemos é verdadeiramente nosso; porém o outro admirável, que esperamos, também é nosso. Somente, não são contemporâneos. Estes dois acontecimentos: a destruição e a reconstrução do planeta, produzir-se-ão em sucessão rápida. Não será um processo gradual, mas sim algo repentino e dramático. O aumento das possibilidades humanas e a organização social admirável, junto com as conquistas e descobrimentos realizados em todos os domínios do conhecimento, são tão surpreendentes que a maior parte da gente os considera evidências de que a humanidade se eleva até a um destino já mais alcançado. Acredita-se, portanto, que apesar das lutas, das fadigas e das penosas contrariedades, o homem se dirige por si mesmo até a realização do reino de Deus na terra. Mas, pelo contrário, são sinais inconfundíveis da ruína irreparável que deve preceder e preparar a restauração do regime celestial, no qual «Deus seja tudo em todos». (I Cor. 15:28).

Por outro lado, o Redentor também nos falou deste mundo como estando destinado a desaparecer, por causa do pecado, e confirmou a fé de que, depois de haver sido destruído, será restaurado na sua perfeição edénica. Ainda que nos tenham sido dados sinais precursores, seguros e detalhados da destruição de todas as coisas, o Salvador não disse nada, ou quase nada, acerca da nova criação do mundo, porque se seguirá à destruição, como consequência lógica e natural.

No seu citado discurso, o falecido papa Pio XII confirma que «os meios que tornam possível um progresso mais completo e mais livre da vida se multiplicam providencialmente no mundo.... Os des-

cobrimentos da ciência ampliam o horizonte das possibilidades humanas, a técnica e a organização tornam eficazes essas conquistas, pondo-as ao serviço directo do homem. A energia nuclear inaugurou praticamente, uma nova era.... A electrónica e a mecânica transformam o mundo da produção e do trabalho.... Os meios de transporte formam uma grande rede que une os diferentes pontos do globo a uma velocidade superior à do movimento aparente do Sol. Os foguetes riscam a profundidade dos céus e os satélites artificiais já começam a surpreender o espaço com a sua presença».

A civilização do século XX é mais prestigiosa que prodigiosa, porque é ilusória. É materialista em vez de ser espiritual. Por isso nos engana, porque em vez de revelar um verdadeiro progresso, confirma o desenlace deste drama do mal redito pelas sagradas Escrituras, especialmente no Apocalipse. Não nos devemos iludir. Os melhores materiais não provam que nos dirigimos para uma idade de ouro. O caminho da história, como se diz, ainda que passe pelo Calvário, não é ascendente, mas bem descendente.

O falecido papa Pio XII declarou, ainda, no citado discurso que «nenhum progresso é capaz, por si mesmo, de efectuar o renascimento no mundo».

Efectivamente, nada é capaz de transformar a face desta Terra, destinada a desaparecer: nem a política de uns, nem a religião de outros, e nem o progresso da ciência. Nem a sua forma e substâncias actuais, manchadas pelo pecado, poderão recobrar o seu esplendor primitivo, sem a intervenção poderosa do Criador.

A morte de Jesus não livrou o mundo da morte; porém, a Sua ressurreição é a garantia do ressurgimento de todas as coisas. Portanto, a Terra, após haver retor-

«Estai Vós Apercebidos»

Por GASTÃO CLOUZET

A vinda do Senhor é um acontecimento que se aproxima cada dia que passa. Também as condições económicas, sociais, morais e religiosas do mundo completam o quadro dos dias que haviam de preceder a volta de Jesus, em glória.

Perante todas estas coisas perguntamos: Estamos nós preparados, como igreja e como indivíduos para a vinda do Senhor, que pode ocorrer em qualquer momento? «Estai apercebidos, porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis.»

Logo a seguir a esta declaração Jesus fala de dois servos: um prudente que dava alimento a seu tempo à família, e outro mau, que pelejava com os seus conservos e passava o tempo a comer e a beber com os temulentos. O primeiro servo representa os cristãos preparados para a vinda do Senhor; o segundo representa os que não estão preparados. A família é a humanidade necessitada do Evangelho, e o alimento é o conhecimento da verdade que o servo fiel partilha com diligência. O servo mau, pelo contrário, diz em seu coração — mediante os seus actos: «O meu Senhor tarde virá». Tem dificuldades com os seus conservos: problemas e dissensões na igreja; põe-se a comer e a beber com os temulentos, participa dos costumes do mundo.

Qual é a nossa condição? Que classe de servos somos nós?

Prosseguindo no seu discurso Jesus apresenta, sempre, com o

propósito de nos mostrar como podemos falhar na nossa preparação para a Sua vinda, a parábola das dez virgens. (S. Mateus 25:1-13). As prudentes representam os que estão apercebidos: não só têm lâmpadas — símbolos da Palavra de Deus, mas também têm azeite com elas, símbolo do Espírito Santo. As loucas só têm lâmpadas; não têm azeite. Por outras palavras, não receberam a unção do Espírito de Deus...

Qual é a nossa condição? Temos azeite juntamente com as nossas lâmpadas? Estamos apercebidos para receber o Esposo?

Depois Jesus apresenta-nos com o mesmo objectivo a parábola dos talentos (S. Mateus 25:14-30). Todos temos o maior dos talentos: o conhecimento do Evangelho. Estamos trabalhando com ele? Estamos fazendo obra missionária? Estamos tratando de partilhar a nossa fé? Não enterremos este talento. Se o fazemos, não importa como nos consideremos: erramos e não estaremos prontos para a vinda do Senhor.

Jesus encerra o seu discurso profético levando-nos ao dia do ajuste final de contas.

De um lado estarão os herdeiros do reino. Do outro, os condenados. Os primeiros entrarão na nova Terra, porque tiveram misericórdia dos seus semelhantes em necessidade, a quem auxiliaram na medida das suas possibilidades, e fazendo assim, serviram a Jesus.

Os outros irão para a ruína eterna, porque, podendo, não aju-

daram os seus irmãos que estavam necessitados.

Que estamos nós fazendo pelos famintos, pelos sedentos, pelos nus, pelos desabrigados, pelos enfermos e pelos presos?

Não será, porventura, demasiado teórica a nossa religião?

Não será, porventura, por demais egoísta o nosso cristianismo?

É mais fácil — e mais cómodo — falar do que fazer.

Mas Jesus fez muito e falou relativamente pouco.

E nós se queremos estar preparados para a Sua vinda devemos imitá-Lo.

Queira Deus que estejamos todos preparados, meus irmãos, e que nos encontremos entre os que esperam a Jesus, na Sua vinda!

O Senhor abençoe cada leitor; é o meu sincero desejo.

EMISSÕES ADVENTISTAS ANGOLANAS

Os postos emissores de Benguela e de Moçâmedes estão a radiodifundir a Mensagem Adventista, em boas condições.

Rádio-Benguela transmite a nossa Mensagem nas Segundas-feiras, às 20 e 30, nas bandas de 31 metros e de 60 metros.

Rádio-Moçâmedes também a transmite, nas Quartas-feiras às 19 e 30, na banda dos 42 metros.

Procuremos ouvi-las e recomendamos-las, também aos nossos conhecidos e amigos.

nado a abismo — a condição de caos em que estava antes de Deus pronunciar a sublime palavra «haja» — voltará, enfim à sua primitiva beleza imaculada.

A um mundo arruinado pelo homem sucederá então outro instaurado com a volta d'Aquele que, sendo Deus, se fez homem: Jesus Cristo. Foi Ele quem dessa ma-

neira evitou a destruição definitiva da Terra e obteve para a humanidade a perspectiva da salvação eterna. A Ele é que podemos e devemos dizer com as mesmas palavras do falecido papa, a condição de que implicam a volta visível e pessoal de Jesus e a Sua intervenção súbita e definitiva: «Vem, Senhor Jesus! A humani-

dade não pode mover a pedra que tem fabricado para impedir a Tua volta. Envia o Teu anjo, ó Senhor, e faz com que a nossa noite se torne mais luminosa que o dia. Tantos corações, ó Senhor, Te esperam! Tantas almas se consomem para apressar o dia em que viverás e reinarás supremo, nos corações! Vem, ó Senhor Jesus!»

MÚSICA... PRAZERES... ORGIA... E DEPOIS?...

É surpreendente nos nossos dias como em certos lugares, principalmente, nos grandes centros, se registam diariamente, muitíssimos casos de mortes súbitas, totalmente inesperadas. São muitas as pessoas que morrem, súbitamente, ainda em plena actividade... aparente.

É que a humanidade está-se aniquilando pela incontinência dos prazeres.

Vive-se hoje de dia e de noite, pelo que, será possível responder-se à pergunta de quantos anos tem, dizendo uma pessoa de quarenta anos, que já tem sessenta ou setenta. É assim mesmo, porque se vive quase o dobro, porque também se vive, e intensamente, durante a noite, trabalhando, ou folgando em vez de repousar, como Deus determinou.

Recordem-se as exclamações de Isaías:

«Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem herdade a herdade, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos moradores no meio da terra! Ai dos que se levantam pela manhã, e seguem a bebedice; e se demoram até à noite, até que o vinho os esquenta!

E harpas e alaúdes e tamboris e pífanos, e vinho há nos seus banquetes; e não olham para a obra do Senhor, nem consideram a obra das Suas mãos.

Por isso a sepultura aumentou o seu apetite, e abriu a sua boca desmesuradamente; e a glória deles e a sua multidão, e a sua pompa, e os que entre elles folgavam, a ela desceram». (Isaías 5:8, 11, 12, 14).

Este quadro trágico, revelador de uma época em que o povo se arrojava avidamente a acumular riquezas e fausto, sendo insaciável a sua busca de prazeres, parece que encontra uma perfeita analogia com os dias vertiginosos em que vivemos.

Há hoje muita gente que vive apenas para acumular fortunas fabulosas, especulando no comércio imobiliário, adquirindo imensas

áreas de terrenos, «juntando casa a casa, herdade a herdade».

O comércio negro, o mercado negro campeiam infrenes por toda a parte.

Efectuam-se os mais escusos negócios para se conseguirem grandes lucros.

O comércio alcoólico espalha-se como uma verdadeira praga. A corrida atrás das riquezas impele milhares de indivíduos a cometer as maiores injustiças.

Por outro lado, a sede intensa de prazeres e a ociosidade que predominam nesta era de cunho inquestionavelmente materialista levam as multidões às raías da verdadeira loucura. Haja em vista a incrível quantidade de cinemas, de teatros, circos, parques de diversões, casinos, salas de bailes, circos de lutas de galos, de pugilismo, campos de desporto, atracções diversas, revistas humorísticas, programas de rádio e de televisão...

Aos carnavais oficializados em tantos países, aos inúmeros festivais, festas, *garden-partys*, *cocktails*, tardes dançantes, etc. juntam-se todas essas modalidades de vida pecaminosa em que se deleita a classe elegante, que são as *boites*, essas «tavernas de luxo», antros chiques de tendências corruptoras da alma e do corpo.

Nota-se nas grandes cidades um número inverosímil de anúncios de bebidas alcoólicas, expostos visivelmente, no alto dos edifícios, nas estradas, nas paredes, nos muros, nos eléctricos, nas estações, nas revistas e nos jornais, por toda a parte...

O rádio e a televisão martelam continuamente os ouvidos do público convidando a beber... a fumar...

As prendas do Natal, da Páscoa, contêm mais bebidas alcoólicas do que outras coisas.

Desde manhã cedo até altas horas da noite, milhares e milhares de bars, casas de bebidas e tabernas, para ricos e pobres, conservam-se abertas para o nefando co-

mércio de corromper e destruir o que há de mais precioso no mundo — as criaturas, por quem Jesus Cristo sofreu e morreu.

O profeta lança um terrível «ai» sobre aqueles «que são poderosos para beberem vinho e valentes para misturar bebidas fortes».

É justamente isto o que se faz hoje nos centros das grandes sociedades modernas, onde o «cocktail» é servido profusamente.

A mistura de bebidas está dominando essa requintada forma de intemperança desta geração que, de taça erguida, sorriso nos lábios, ao som de música, faz um tenebroso pacto com a maldição.

Como outrora, a música desempenha também papel importante nessa sinfonia de aniquilamento.

Os programas musicais são tão comuns, que tudo se faz hoje ao som do ritmo. De madrugada a madrugada ouve-se música por toda a parte. Música, sempre música, por toda a parte.

Come-se, viaja-se, trabalha-se, compra-se e vende-se, diverte-se e dorme-se, sempre com música!

Dir-se-á que a vida moderna é um contínuo «show».

Não há dúvida de que a música é uma das boas coisas que podemos desfrutar, ao longo da acidentada estrada da vida, mas infelizmente, também pode servir de instrumento de maldição.

Não devemos esquecer que o Demónio foi outrora o regente da música nas cortes celestiais.

As «boites» anunciam nos jornais o seu funcionamento desde a tarde até de madrugada.

Nesses lugares, bebe-se, dança-se, come-se e ouve-se música «até altas horas da noite» tal como disse o profeta.

Foi numa sala de dança que se tramou o assassinio de João Baptista.

Quantos crimes, quantas tragédias, escândalos, vergonhas de toda a espécie, não têm a sua origem numa iluminada e feérica sala de danças!

Indubitavelmente, essa multidão de gente que se entregue aos prazeres que lhes proporcione o deus Baco, «até que o vinho os esquente», e que tudo querem fazer ao som de marchas, de sambas, de baiões, e de outras quejandas e abastardadas músicas, fazendo da sua existência um prolongado festim, pouco ou nenhum tempo têm para pensar em Deus, para estudar a Sua Palavra e meditar nas Suas maravilhosas providências a favor de raça humana tão decaída.

O resultado é o que vemos.

Esse turbilhão de intemperança e de iniquidade traz na sua esteira as consequências lógicas de um proceder que cobra pesado tributo à loucura humana: «A sepultura aumentou o seu apetite, e abriu a sua boca desmesuradamente; é a glória deles, e a sua multidão e a sua pompa, e os que entre eles folgavam, a ela desceram».

No seu tremendo libelo profético, na reprovação à desastrosa conduta do povo, Isaías fala repetidas vezes de um curioso as-

pecto que resulta de um tal estado, referindo-se ao «homem abatido e ao varão humilhado».

Poucos são hoje os homens que conseguem atravessar incólumes pelo cenário tumultuoso das paixões e dos negócios humanos. Uns após outros, os homens que se projectam nas actividades e nas lutas do mundo, invariavelmente, são abatidos, assassinados, expurgados, difamados, traídos, desprezados, falidos, exilados, relegados ao ostracismo, traumatizados na sua alma e no seu coração. Igualmente são humilhados por divórcios, processos, calúnias, crimes e escândalos.

Bem faríamos detendo-nos um pouco, nessa corrida insensata que se dirige para a destruição, para «olharmos para as obras do Senhor e considerar as operações da Sua mão».

A graça de Deus manifestou-se, trazendo a salvação a todos os homens, ensinando-nos, a fim de que renunciando à impiedade e às paixões mundanas, vivamos no pre-

sente mundo, sóbria, recta e piamente, aguardando a bemaventurada esperança e a manifestação da glória do grande Deus e nosso Salvador Cristo Jesus, que se deu a Si mesmo por nós, a fim de nos remir de toda a iniquidade e purificar para Si um povo todo Seu, zeloso de boas obras.

RECONCILIAÇÃO

Na doce paz, na paz que vem de Deus,
está a viver, enfim, meu coração;
e liberta do orgulho da razão
minh'alma acolhe o espírito dos céus.

Longe vivi, tão longe eu vagueei:
— gastando a vida com futilidades
e deixando de Cristo as sãs verdades
então em lama e vício me enfonhei.

Mas p'ra Deus vim, e Ele que é bondoso
ajuda me outorgou dos altos céus,
dando-me a mão de pai bem extremo.

E agora com a mão na mão de Deus,
eu procuro alcançar o lar formoso
que meu Jesus foi preparar p'ra os seus.

Samuel B. Ribeiro

Se já houve tempo em que toda a casa deveria ser uma casa de oração, agora é esse tempo. Prevalecem a incredulidade e o cepticismo. Predomina a iniquidade. A corrupção penetra nas correntes vitais da alma, e irrompe na vida a rebelião contra Deus. Escravos do pecado, as faculdades morais estão sob a tirania de Satanás. A alma torna-se o juguete das suas tentações; e a menos que se estenda um braço poderoso para o salvar, o homem passa a ser dirigido pelo arqui-rebelde.

Contudo, neste tempo de terrível perigo, alguns que professam ser cristãos não celebram culto doméstico. Não honram a Deus no lar; não ensinam os filhos a amá-Lo e temê-Lo: Muitos se afastam tanto d'Ele que se sentem sob condenação ao aproximarem-se d'Ele. Não podem chegar-se «com confiança ao trono da graça», «levantando mãos santas, sem ira nem contenda». Heb. 4:16; 1 Tim. 2:8. desfrutam viva comunhão com Deus. Têm a forma de piedade, sem o poder.

O CULTO DOMÉSTICO

Por E. G. WHITE

A ideia de que a oração não seja prática essencial é um dos mais bem sucedidos estratagemas de Satanás para destruir almas. Oração é comunhão com Deus, a Fonte da sabedoria, o manancial de poder, paz e felicidade. Jesus orava ao Pai «com grande clamor e lágrimas». Paulo exorta os crentes a orarem «sem cessar», fazendo em tudo conhecidos os seus pedidos a Deus, em orações e súplicas, com acções de graças. «Orai uns pelos outros», diz Tiago; «a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos». Heb. 5:7; 1 Tess. 5:17; Tiago 5:16.

Pela sincera e fervorosa oração devem os pais erigir um muro em torno dos filhos. Devem suplicar, com plena fé, que Deus entre eles habite, e santos anjos os guardem, a eles e aos filhos, do poder cruel de Satanás.

Em cada família deve haver um tempo determinado para os cultos matutino e vespertino. Que apro-

priado é reunirem os pais em redor de si aos filhos, antes de quebrar o jejum, agradecer ao Pai celeste Sua protecção durante a noite e pedir-Lhe auxílio, guia e protecção para o dia! Que adequado, também, em chegando a noite, é reunirem-se uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!

O pai e, em sua ausência, a mãe, deve dirigir o culto, buscando um trecho das Escrituras que seja interessante e de fácil compreensão. Convém que o culto seja breve. Se for lido um capítulo extenso e feita oração longa, o culto torna-se cansativo e, ao terminar, tem-se sensação de alívio. Deus é desonrado quando a hora de adoração se torna insípida e enfadonha, quando é tão tediosa, tão destituída de interesse que as crianças lhe têm horror.

A Evangelização e a Liberdade de Consciência

A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais que os homens têm defendido com maior energia, em todos os países e em todas as épocas tal atitude é devida ao facto de que o sentimento religioso é a síntese dos elementos mais profundos do indivíduo, englobando todas as suas esperanças e todos os seus desejos. Portanto, não há que extranhar que o homem defenda até a morte, — se for necessário — a única coisa que dá um sentido à vida.

A liberdade religiosa é um dos aspectos da liberdade de consciência, de que Vinet deu a seguinte definição: «É o direito que nós temos de estabelecer as nossas relações com a Divindade, da maneira que nos parecer mais convincente. É o direito de não admitir nenhum juízo deste comércio intelectual e moral, senão a nossa consciência. É o direito de escolher entre crer e não crer, entre adorar e não adorar. É a perfeita independência do homem social em matéria de crença e de profissão religiosa».

«A liberdade de consciência não é só a faculdade de se decidir entre uma religião e uma outra qualquer; é também essencialmente o direito de não adoptar nenhuma, e de ficar alheio a todas as formas e a todos os estabelecimentos que o sentimento religioso pôde criar na sociedade.» — *Memória a favor da liberdade dos cultos*, Payot, Lausana, 1944.

Até aqui considerou-se o problema apenas sob o ponto de vista individual. Mas é necessário encará-lo, também, sob o aspecto social, porque o indivíduo não se pode nunca abstrair da sociedade.

O homem que adquiriu uma convicção religiosa sente a necessidade de a exprimir ao seu Deus e de a comunicar aos que o cercam. Desta dupla necessidade nascem o culto e a propagação religiosa. Mas, desde esse instante, surge o risco de se manifestarem a intolerância e o fanatismo, tanto no propagandista, como naqueles que o cercam. A história fornece-

nos muitos exemplos disto mesmo, e para não irmos mais longe, basta recordar a violenta oposição que o Cristianismo nascente encontrou da parte, tanto do judaísmo, como do paganismo. A princípio, fraca e pobre, a Igreja não tinha nenhum outro recurso para defrontar o ódio e as perseguições dos seus inimigos senão Deus. Mas pouco a pouco a oposição diminuiu e acabou por cessar, totalmente. A Igreja atingiu os pináculos da glória. Além disso, também se tornou poderosa. Viu-se, então, esta coisa extraordinária: em nome de Jesus Cristo, que ensinara os discípulos a amar os inimigos e a orar pelos perseguidores, os homens puseram-se a torturar e a matar todos aqueles que não tivessem as suas convicções religiosas.

Para justificar todos estes abusos, baseavam-se na ordem, que na parábola dos convidados, o dono da casa deu ao servo de ir pelos caminhos e pelos valados e forçar os homens a entrar para que a casa se enchesse (Lucas 14:23).

Infelizmente, é fácil cair em tais excessos. O trabalho da evangelização arrisca-se, por vezes, a degenerar em proselitismo intolerante.

É certamente doloroso ver como as almas se afastam deliberadamente do caminho que nós sabemos ser o da salvação. Mas a verdade é que não temos o direito de nos irar contra elas, nem de lhes testemunhar qualquer rancor. Não podemos ser mais exigentes que

Deus, que deixa que cada indivíduo permaneça livre para aceitar ou rejeitar a oferta da sua graça.

Deus quer «que todos os homens se salvem» (I Timóteo 2:4), mas não obriga ninguém. Chama continuamente os pecadores ao arrependimento: «Buscai ao Senhor, enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixei o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converte ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar». (Isaías 55:6,7).

Visto que Deus — que poderia forçar todos os homens a submeter-se à sua vontade — os deixa em liberdade, também temos o dever de respeitar este privilégio. A única força de que temos o direito de usar para levarmos os pecadores ao arrependimento e à salvação é a mesma de que Deus se serve: o amor.

Não somos propagadores duma doutrina, mas os mensageiros da graça de Deus.

Se o nosso ministério é realmente o fruto do amor que dedicamos ao nosso próximo, será desprovido de toda a intolerância e de todo o sectarismo. E, a todo o tempo, inspirar-nos-emos nesta declaração do apóstolo Paulo: «De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamos-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus!» (2 Coríntios 5:20).

«Não critiquemos... nem julgemos...»

«Há muitas pessoas cuja religião consiste em criticar as maneiras de vestir e os trajes pessoais dos seus irmãos. Querem colocar a todos sob a sua própria medida. Desejam alongar os que parecem demasiados curtos para a sua norma, e encurtar outros que parecem muito longos.

Tais pessoas perderam o amor de Deus do seu coração; mas julgam possuir um espírito de discernimento. Pensam que têm a prerrogativa de criticar e de julgar. Devem, porém, arrepender-se do seu erro e desviarem-se dos seus pecados... Estaríamos em miserável estado, se o Deus do Céu fosse como um de nós e nos tratasse como nos inclinamos a tratar uns aos outros». — E. G. White, em *Review and Herald*, 27 de Agosto de 1889, pág. 530.

ROCHA ETERNA

Graves ameaças pesam sobre o bem inapreciável, que é a liberdade religiosa e de consciência; por ela têm sofrido, até a morte, milhões de seres humanos. As mesmas potências que actuaram contra ela, no passado, ainda hoje existem, manifestando-se, por esse mundo fora, na opressão dos que não se querem submeter à sua autoridade.

É agora que se cumpre a visão do apóstolo João, na qual os anjos retêm os ventos para que não soprem a terra. Estamos advertidos de que se prepara uma grande luta. Não seremos nós varridos, como débeis palhinhas em plena eira?

Segundo a pobre vista humana assim parece que virá a acontecer. Que poderão fazer os defensores da liberdade religiosa? O combate será bastante desigual para que possam alcançar a vitória, pois parece que todas as circunstâncias se conjuram para os perder. As condições económicas e sociais tendem a enfraquecer e a diminuir a personalidade humana, e por consequência a liberdade de pensamento e de crença, reduzindo o homem a um autómato, a um «robot».

Se fôssemos abandonados às nossas próprias forças, poderíamos ser tentados a abandonar a luta e a curvar a cabeça perante essas potências que procuram interpor-se entre Deus e nós. Mas a verdade é que não estamos sós. Nos momentos mais sombrios da História houve sempre grandes vitórias que foram outros tantos milagres. Podemos ter confiança em Deus, pois tem sempre velado pelo seu povo e pela sua obra. «Mais são os que estão connosco do que os que estão com eles», já dizia o profeta Eli-seu. (2 Reis 6:16).

Deus pôs à nossa disposição um meio eficaz e poderoso perante os perigos que nos ameaçam. Este meio poderoso já deu as suas provas nos momentos trágicos para a Igreja: é a Bíblia, a Palavra de Deus, esse martelo que fende os rochedos, esse fogo que consome,

essa espada penetrante de dois gumes.

Foi com a Bíblia que o Senhor Jesus repeliu o demónio. Compreendemos nós todo o valor, toda a força que há nestas simples palavras: «Está escrito?»

Que lhe chamou o apóstolo Paulo? «Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê». (Romanos 1:16).

Quem foi que sustentou os Valdenses do Piemonte nas suas lutas heróicas, os Huguenotes no tempo das Dragonadas, das galeras, do absolutismo?

Quem foi que fortaleceu os Reformadores, um Lutero, um Calvino, e tantos outros que abalaram o colosso da Idade Média?

Quem é que, — agora mais perto de nós — efectuou grandes conquistas pacíficas e benéficas contra a ignorância, a superstição e a degradação, nas ilhas perdidas

do Pacífico e no coração da África? O que é que permitiu o desenvolvimento notável da nossa obra que nenhuma barreira é capaz de impedir?

É a Bíblia.

Apoiando-se na Bíblia têm os homens conseguido as mais estrondosas vitórias. Com a Bíblia, o pequeno torna-se grande, e o fraco torna-se forte. «Ela (a minha Palavra) não voltará vazia para mim, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envie». (Isaías 55:11). «Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assimilhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha». (Mateus 7:24,25).

Prezados Irmãos! Agarremonos cada vez mais às palavras, aos ensinamentos da Sagrada Escritura, pois aí encontraremos a força de que hoje tanto necessitamos para defrontar os inimigos, que nos querem assaltar.

A CURA DA ANSIEDADE

Muito se tem escrito, nos últimos anos sobre o tema geral da maneira de afastar a ansiedade.

Políticos de grande capacidade, bons oradores e profundos psicólogos, assim como hábeis psiquiatras, ministros cristãos e rabinos judeus, têm recapitulado em livros e jornais, as suas fórmulas para se conseguir uma vida calma e livre de ansiedade. Têm oferecido numerosos remédios para a cura do espírito humano, quebrantado e desiludido, tendo-se conseguido alguns bons resultados. Julgamos, porém, que se deve exercer muito discernimento na escolha da literatura que trata deste assunto popular e que, afinal, se quisermos colher um verdadeiro e duradouro benefício, é para o Senhor Jesus que nos devemos voltar, em busca de auxílio.

A verdadeira religião é o grande remédio para a ansiedade e temor. Os mais avisados psiquiatras apoiam-se, fortemente, nas influências religiosas para realizar aquilo, que por si mesmos não podem fazer. Um desses especialistas declarou que ainda não vira um só caso de depressão mental ou de abatimento que se tivesse curado, sem que o doente entrasse no domínio religioso. Cientistas médicos reconhecem que quando o corpo sofre de algumas doenças, em geral, a causa é a ansiedade e o temor. A cura física exige a remoção dessa causa; e a religião, como se demonstra, é o único remédio seguro para essa doença da alma.

Recorde-se a resposta que deu um pequenito a quem lhe perguntava o que era o sal. Disse ele:

— O sal é aquilo que estraga as batatas, quando não se lhes

deita. Comentando esta resposta, um certo escritor definiu a religião dizendo: «A religião é aquilo que estraga a vida quando se deixa de praticar. É aquilo que destrói o carácter, quando se corrompe; é aquilo que torna a vida monótona e insulsa, quando se ausenta».

A religião verdadeira é Jesus Cristo

É agora natural que se pergunte, então, o que é a religião.

A religião pode resumir-se numa só palavra: Jesus.

É Jesus a luz do mundo. Deixai-o fora, e tereis trevas espirituais. Jesus é o pão da vida. Se o deixarmos fora, teremos fome espiritual. Jesus é a água da vida; sem Jesus teremos uma sede cruel. Jesus é a porta da esperança.

Hoje, mais do que nunca, a humanidade está-se tornando consciente das suas necessidades espirituais. Há um senso geral de necessidade, senso originado pelas complexidades da vida. As frustrações decorrentes da nossa chamada civilização, excedem o ho-

mem, e excedem-no em muito. As pessoas que têm de tomar decisões, quer sejam grandes, quer pequenas, apercebem-se de muitos novos factores que lhes penetram na existência. Há tantos ângulos e aspectos! Algumas pessoas estão a sucumbir sob tão grande pressão! A tensão dos negócios, da política, do governo, da própria vida é tão grande, que não a podem suportar.

Até parece que a ansiedade é uma característica humana, comum, em todos os séculos. Vivemos num tempo em que quase todo o mundo anda ansioso.

A mente perplexa, perturbada, agita-se continuamente. Passa e repassa pela mesma coisa, incessantemente. O consciente torna-se escravo do subconsciente. Esta característica da mente indisciplinada pode ser uma falta de vontade e de propósito de crer e de confiar em Deus e de O servir sem reservas.

Muitas pessoas, tanto na Igreja como fora dela, são mais amantes dos prazeres do que de Deus. Vivem uma vida regida só por emoções. A vontade, o discernimento, a razão, tornam-se servos do cor-

po. Rebaixam-se as normas morais, e a própria mente torna-se escrava das paixões e das concupiscências. Os desejos do homem são, hoje em dia, mais fortes do que a sua fibra moral. Com isto sobrevém o pecado e a confusão, do que resulta o sentimento de culpa e a ansiedade.

É, porém, visível no homem um sintoma favorável, no seu confuso estado emocional: quer ser melhor; gostaria de ser vitorioso. Por isso busca em torno de si a cura da ansiedade. O homem começa a estar cansado da sua vida introspectiva, concentrado em si mesmo. Anela por aprender a viver a vida cristã positiva, e a não estar sempre no lado negativo.

Pois bem; a resposta a estes seus desejos encontra-se na religião, encontra-se em Jesus.

Mas também é verdade que isto não é tão simples, como o repetir uma palavra por mais maravilhosa que essa palavra possa ser. A cura da ansiedade é uma parte da ciência da salvação; temos o dever de aprender e de compreender isto mesmo, no caso de querermos aplicar o remédio devido!...

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

A voz da Profecia em Nepal

O Nepal fica situado entre a Índia e o Tibete. Durante muitos séculos tem permanecido fechado ao Cristianismo. O budismo está ali profundamente arraigado e é a religião do Estado há mais de dois mil anos. 96 % da população é budista. Apesar dessas circunstâncias adversas, o Evangelho acaba de entrar no Nepal, levado pelas ondas do espaço. Muitos nepaleses escutam fielmente as emissões da Voz da Profecia da Divisão Sul-Asiática. A Escola Rádio-Postal Nepalesa já diplomou 60 alunos e conta, presentemente 250 que estão estudando assiduamente. Um nepalês culto e a esposa encontraram-se com um obreiro adventista, e demonstraram grande

júbilo, pois era a primeira vez que viam um adventista. Ambos já tinham aceitado a mensagem e só esperavam ser baptizados.

A causa de Deus continua a avançar, por toda a parte. (*Review and Herald*).

A voz da Profecia na Colômbia

Já de há muito que os nossos Irmãos da Voz da Profecia procuravam difundir o nosso programa radiofónico na Colômbia.

O Secretário da Rádio-Televisão da Divisão Inter-Americana comunica que já temos as emissões da Voz da Profecia num posto emissor da Colômbia, e que estão a ser ouvidas com agrado geral.

As Escolas Bíblicas, de Férias em 1958

Praticamente, cada Conferência da Divisão Norte-Americana se dedicou a grande esforço de evangelização através das Escolas Bíblicas de Férias, durante o ano de 1958.

Funcionaram 782 destas Escolas, com cerca de 65.000 rapazes e raparigas que se dedicaram ao estudo Bíblico, às histórias do Evangelho, e a recreio cristão.

Como resultado deste esforço, milhares de crianças foram inscritas nas classes da Escola Sabatina e no Curso Bíblico por correspondência. Registaram-se mais de 100 baptizados entre os jovens que seguiram aquelas classes e curso bíblico.

(Continua na pág. 16)

NOTÍCIAS DO CAMPO

NOTÍCIAS DE BRAGA

Renovo com imensa alegria no Evangelho de N. S. Jesus Cristo, notícias do meu campo da Colportagem.

Graças ao Senhor que me sinto satisfeito, por tudo o que vou dizendo e fazendo em Nome do Senhor, e sei que o Senhor me vai abençoando na Sua vinha.

Estas resumidas notícias de tudo o que tenho feito até aqui têm o fim, de consolar, e animar, especialmente a meus Colegas amigos, e a todos os Leitores e Irmãos no Senhor, que falam da palavra de Deus às almas.

Bendito eternamente seja o Nosso Bom Deus, pois; posso notificar que tenho vendido por aqui muitos livros da nossa Irmã White que ainda continua a falar às almas pelas suas maravilhosas palavras, e ensinios, consoladores «escritos»; modificando, edificando, e animando corações sem esperança da vida eterna; assim o livro «Aos pés de Cristo», e Pen-

samentos S.S. da Montanha» embora pequeninos têm grande eficácia:—sobretudo já posso contar uma dezena de Bíblias, que por aqui têm sido deixadas n'alguns lares, e estão sendo a dita: Lâmpada do Salmista David. Sobre tudo friso uma vendida a um *Espirita*, é maravilhoso. Ele, sai até aos seus amigos, parentes, vizinhos, e prega-lhes com ela... (e dela).

Outra: em Barcelos, pequena cidade minhota, onde estão uns nossos amigos que lá têm uma Bíblia também que lhe vendi; está sendo lida pelos seus familiares e vizinhos... (Maravilhoso).

Aqui há um jovem, já tirou o curso «Sagrado» Bíblico, que fala fervoroso da Bíblia; sendo a Bíblia a sua maior Companhia, para todos os lugares onde vai... (Maravilhoso) falando dos seus ensinios, mas está sendo furiosamente odiado pelo P.º da sua freguesia e pelas suas famílias e vizinhos, pelo que será maravilhoso orarmos ao Senhor por este jovem...

Enfim: Aqui há da parte de alguns crentes, e amigos, e de mim, o sincero desejo, de que tivéssemos cá uma salinha, onde se pudesse melhor ouvir o Evangelho.

Que o Senhor satisfaça o Seu, e nosso desejo, e para mais glória do seu trino e Santo Nome.

Que o Senhor se digne abençoar a sua obra em todos os cantos do nosso querido Portugal; e que os Dirigentes, e Ministros, possam ter abundantes possibilidades, de poderem falar ainda nestes últimos momentos cheios do Espírito Santo abertamente; tendo livre curso a palavra de Deus, para glória e honra de Deus Pai, e do Senhor Jesus, e Salvação de todos os que creem no Seu Nome o «Crucificado».

São os meus votos no Senhor e Salvador Jesus.

(Amen) do vosso Irmão (Obrigado).

Colportor Evang.

Isaías da Silva

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A JANEIRO DE 1959

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Manuel de Jesus Correia Ratana	178	4	100\$00	—\$—	7.650\$00	7.750\$00
Adelino Nunes Diogo	222	9	255\$00	65\$00	6.050\$00	6.370\$00
Inácio Duarte da Conceição	215	5	195\$00	40\$00	5.900\$00	6.135\$00
Eliseu Gomes	72	5	130\$00	—\$—	3.300\$00	3.430\$00
Maria Luísa Saboga Serra	131	—	—\$—	—\$—	3.400\$00	3.400\$00
Eduardo Moniz Andrade	20	—	—\$—	20\$00	3.050\$00	3.070\$00
António Tomás Pinto de Aguiar	74	—	—\$—	45\$00	2.850\$00	2.895\$00
Elias Mendes Rodrigues	102	8	230\$00	80\$00	2.150\$00	2.460\$00
Arnaldo Martins	128	1	10\$00	20\$00	2.350\$00	2.380\$00
Isaías da Silva	121	3	40\$00	95\$00	1.900\$00	2.035\$00
Joaquim Dias de Oliveira	64	1	70\$00	—\$—	1.950\$00	2.020\$00
João António	154	71	1.885\$00	—\$—	—\$—	1.885\$00
Domingos da Conceição Martins	110	3	60\$00	115\$00	1.690\$00	1.865\$00
Anselmo Gorgulho de Almeida	58	12	455\$00	35\$00	1.350\$00	1.840\$00
Marcolino Oliveira	210	5	170\$00	395\$00	1.250\$00	1.815\$00
Artur Abreu de Oliveira	96	3	105\$00	5\$00	1.580\$00	1.690\$00
António Augusto Lopes	76	2	100\$00	55\$00	1.150\$00	1.305\$00
António Gomes Duarte	113	—	—\$—	—\$—	1.300\$00	1.300\$00
Maria da Conceição F. Rezende	32	4	265\$00	115\$00	750\$00	1.130\$00
Francisco Quintino	26	—	—\$—	260\$00	850\$00	1.110\$00
Zulmira Pinto Machado	128	1	80\$00	35\$00	950\$00	1.065\$00
Afonso António	176	41	1.035\$00	—\$—	—\$—	1.035\$00
Joaquim Reis Lopes	30	—	—\$—	—\$—	950\$00	950\$00
Judite Gabriela de Aguiar	20	—	—\$—	—\$—	850\$00	850\$00
João Machado Cardoso	—	—	—\$—	—\$—	350\$00	350\$00
João José Parreira Lopes	22	—	—\$—	5\$00	300\$00	305\$00
Micaela do Céu Dias da Silva	10	2	80\$00	—\$—	200\$00	280\$00
Diversos	72	7	120\$00	240\$00	2.200\$00	2.560\$00
Totais.....	2.660	187	5.385\$00	1.625\$00	56.270\$00	63.280\$00

INTEGRADO OU DESINTEGRADO?

Logo que nascemos somos integrados no seio da humanidade, a vida vai evoluindo dentro deste mundo do qual não nos podemos desintegrar da vida física. Sofremos as reacções do interior e do exterior, as quais vão modificando paralelamente todo o ser que Deus criara em princípio para honra e glória de Seu nome. O Senhor tinha integrado os nossos primeiros pais num ambiente glorioso, sadio e promissor, mas... o homem desintegrou-se de Deus, pelo pecado, qual virus pernicioso o atacou directamente e feriu o âmago de sua própria alma! Assim separado de Deus, sem esperança, teve que iniciar uma nova série de coisas, teve que procurar pelos seus meios alcançar o êxito da sua vida material e espiritual. Esta agora era mais penosa devido a que o homem trouxera sobre si, a maldição, Génesis, 3:22-24. Expulso o homem do jardim do Senhor, agora estava em presença duma situação crítica e desalentadora. «O homem perdeu tudo porque preferira ouvir ao enganador em vez de Aquele que é a verdade, que unicamente tem o entendimento. Por misturar o mal com o bem, sua mente se tornou confusa, e entorpecidas suas facultades mentais e espirituais. Não mais poderia apreciar o bem que Deus tão livremente lhe tinha outorgado. Adão e Eva tinham escolhido a ciência do mal; e se em algum tempo recuperassem o lugar que haviam perdido, deveriam fazê-lo sob as condições desfavoráveis que sobre si tinham acarretado. Não mais deveriam habitar o Eden, pois em sua perfeição não lhes poderia ensinar as lições cuja aprendizagem agora lhes era essencial. Com indizível tristeza despediram-se daquele belo ambiente, e saíram para habitar na terra onde repousava a maldição do pecado», Educ. pág. 25. Essa terra é esta onde nós vivemos, onde nós nascemos, onde nós nos desintegramos pelo pecado dos nossos pais! Deus no Seu inesgotável amor para com



O Pastor Rodrigues baptizando a jovem a que se refere no artigo

a raça caída e deprimida pelo pecado, esse pecado que tão de perto nos rodeia, implantou um meio pelo qual todos nós podemos ser integrados na grande família de Deus. Que meio é esse? JESUS. S. Lucas, 19:10.

Vivemos numa época extraordinária da história aliás predita pelos profetas do Senhor. Vivemos na hora dos satélites, dos foguetões, de surpresas que diariamente nos são transmitidas pela rádio e pelos jornais. O homem tem procurado desintegrar o átomo, atreve-se a mexer nas coisas da sápiante natureza criada por Deus e integrada no Seu maravilhoso plano, procura alcançar os outros planetas, faz esforços inauditos para se elevar acima das mais altas nuvens, mas... que será de tudo isto? O homem de natureza falida pelo pecado, não pode herdar uma natureza pura e eterna pelos meios ao seu alcance. Jer. 17:5. O homem nada pode conseguir para a sua reintegração no Reino de Deus, sem uma transformação. Jer. 13:23. Disse Jesus: João 3:3.

Graças a Deus que o Senhor Jesus veio a este mundo trazer-nos a luz da Sua graça a esperança da Sua gloriosa salvação gratuita. Ele deseja integrar-nos no Seu Reino glorioso. Hebreus, 12:28. O Reino de Deus não será jamás abalado, porque é eterno!

Nesse Reino muitos serão integrados através da história da Igreja de Deus na Terra. Nos nossos dias muitos estão sendo integrados na Igreja do Senhor, muitos estão fazendo as suas decisões para se entregarem a Jesus, tanto velhos como novos. Há alguns meses estávamos empenhados numa campanha de folhetos, quando entramos em contacto com uma família. Esta família começou a frequentar a Igreja, estudos foram dados pessoalmente no seu lar, e o Senhor operou de maneira maravilhosa na conversão destas almas. Sua filha jovem foi a primeira a dar o passo nas águas do baptismo para isso teve que desintegrar-se do seu plano de casamento, que repudiou em virtude das ideias do noivo serem opostas aos princípios da fé que agora abraçava. Jovem de dezasseis anos na pujança da vida, nos sonhos encantadores desta vida tão fugaz, decide-se desintegrar-se e integra-se dentro do grande plano de Deus, aceitando a Cristo como seu Salvador pessoal. A luta travava-se o choque do material com o espiritual, as ameaças, as promessas, «tudo isto te darei...» mas o Senhor que venceu também ajudou a vencer a irmã jovem que se entregara a Jesus, desprezando as coisas desta vida para se dedicar ao Senhor e alcançar um melhor plano na sua vida terrestre e com a promessa do Senhor na vida a verdadeira vida no Reino dos Céus! Que o Senhor abençoe esta jovem irmã a permanecer fiel a esta bendita fé e bem assim os seus pais. Que o Senhor através do testemunho desta jovem possa ser glorificado, e que muitos que agora se encontram afastados de Deus vivendo sem esperança, possam alcançar a salvação e integrem-se na grande família mundial dos que se preparam para um dia não muito distante de cada um de nós se encontrarem com o seu Salvador.

Américo J. Rodrigues
Luanda

Reflexões sobre o Sermão da Montanha

Amai os vossos inimigos

A lição do Salvador: «Não resistais ao mal», era dura de ouvir para os judeus, tão vingativos; por isso murmuravam, torvamente, entre si.

Foi então que Jesus fez uma declaração ainda mais incisiva: «Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos de vosso Pai, que está nos Céus».

Tal é o espírito da lei que os rabis tão mal haviam interpretado, como um frio e rígido código de exacções.

Consideravam-se melhores do que os outros homens, e como que tendo um direito especial aos favores de Deus, em virtude do seu nascimento israelita.

Jesus, porém, indicou o espírito de amor perdoador como aquele que tornaria evidente quando se opera por motivos mais elevados do que os mesmos publicanos e pecadores, a quem eles desprezavam.

Jesus encaminhou os seus ouvintes para o Governador do Universo, sob a nova designação: «Vosso Pai». Queria que eles compreendessem quão ternamente anelava por eles o coração de Deus.

Ensinou que Deus cuida de toda a alma perdida; que, «como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que O temem». Salmo 103:13.

Tal concepção de Deus nunca fora dado ao Mundo por nenhuma religião, senão pela da Bíblia. O paganismo ensina os homens a olharem para o Ser Supremo como objecto de temor, em vez de amor — como uma divindade maligna que devia ser apaziguado por sacrificios, e não como um pai que derrama sobre os filhos o dom do

PELA IRMÃ WHITE

seu amor. Até o próprio povo de Israel se tornara tão cego para com o precioso ensino dos profetas acerca de Deus, que esta revelação do seu amor paternal, era uma coisa original, uma nova dádiva ao mundo.

Os judeus afirmavam que Deus amava aqueles que O serviam — segundo o seu ponto de vista, aqueles que cumpriam as exigências dos rabis — e que todo o resto do mundo jazia sob o seu desagrado e maldição.

Pois Jesus disse-lhes, claramente, que não era assim, pois que todo o mundo, os bons assim como os maus, encontram-se sob o sol do seu amor. Acrescentou-lhes que deveriam ter aprendido tais verdades, da própria natureza: «pois Deus faz com que o seu Sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos».

Não é em virtude de um poder inerente que a Terra produz, todos os anos, a sua abundância, e continua o seu giro em volta do Sol. A mão de Deus guia os planetas, e conserva-os, nas suas respectivas posições, na sua bem ordenada marcha, através dos céus. É por meio do Seu poder que o Verão e o Inverno, a sementeira e a sega, o dia e a noite se sucedem, regularmente. É por meio da Sua Palavra que a vegetação floresce, que aparecem as folhas que desabotoam as flores. Todas as boas coisas que possuímos, todo o raio de sol, todo o bocado de pão, todo o momento de vida, é um dom de amor.

Enquanto ainda estávamos destituídos de amor e do que nos fizesse amáveis no carácter, «odiano-nos uns aos outros», o nosso Pai celeste teve misericórdia de nós. «Quando apareceu a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, nos salvou». Tito 3:3-5.

Uma vez recebido o Seu amor, tornamo-nos semelhantemente bondosos e ternos, não só para com aqueles que nos agradam, mas também para com os mais faltosos, errantes e pecadores.

Os filhos de Deus são aqueles que partilham da Sua natureza. Não é a posição terrena, nem o nascimento nem a nacionalidade, nem os privilégios religiosos, aquilo que prova que somos membros da família de Deus; é o amor, um amor que envolve toda a humanidade. Os mesmos pecadores, cujo coração não estiver inteiramente cerrado ao Espírito de Deus, corresponderão à bondade; embora paguem o ódio com o ódio, também serão capazes de dar amor por amor.

É, porém, unicamente, o Espírito de Deus, que dá amor em troca de ódio. Ser bondoso para com o ingrato e o mau, fazer o bem, sem qualquer retribuição, é a insígnia da realeza celeste, o sinal certo, pelo qual os filhos do Altíssimo revelam a sua elevada condição.

«Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.»

A palavra «pois» implica, uma conclusão, uma dedução do que foi dito antes.

Jesus havia descrito, anteriormente, aos seus ouvintes, a infalível misericórdia e o amor de Deus; manda-lhes, portanto, que sejam perfeitos.

Pois que vosso Pai celeste «é benigno até para com os ingratos e os maus» (S. Lucas 6:35), pois que se abaixa para vos erguer, — portanto — diz Jesus, podeis tornar-vos semelhantes a Ele no carácter, e apresentar-vos irrepreensíveis diante dos homens e dos anjos.

As condições da vida eterna, sob a graça, são exactamente as mesmas que eram no Eden — per-

NOTÍCIAS DE MONGULÚNI

Há bastante tempo que não vêm as páginas desta Revista notícias deste campo. O tempo tem sido pouco para as várias actividades que se têm desenrolado neste ano.

Chegados aqui em Julho de 1957, em substituição do Irmão A. Lopes tivemos o privilégio de atravessar a África de carro, e isso foi uma boa experiência que facilmente se não esquece, e dela tirámos muitas lições.

Moçambique é uma parte deste grande continente, que está em foco dados os vários acontecimentos que ultimamente se têm desenrolado e especialmente pelo que se prevê para o futuro.

Quando vimos de Lisboa a viagem leva quase um mês, se é feita de barco. Temos no entanto o privilégio de passar por um grande número de portos na totalidade dos quais encontramos o nosso trabalho estabelecido: Madeira, S. Tomé, Luanda, Benguela, Moçamedes, cidade do Cabo, Lourenço Marques e Beira. Depois tomamos um barco mais pequeno para chegar a Quelimane, e tomar o comboio que nos levará a Mocuba. Então, ainda faltam mais 80 Kms para a Missão. Ao chegarmos ao terreno da Missão começa a subir-se uma pequena rampa, que se abre num grande largo, notando-se dum lado e doutro as casas de habitação do Director e Professor europeu. Em frente, fica o edifício da escola de artes e ofícios com as suas secções de carpintaria, alfaiataria e brevemente tipografia.

Para o lado direito fica o antigo edifício do escritório que vai ser adaptado a casa de habitação. Para esse lado ficam duas casas de professores nativos e mais além o novo dormitório para rapazes, agora concluído. Regressando ao largo, voltemos para o lado contrário, e encontraremos dois grandes edifícios: o da escola inaugurado em Setembro e o da capela já mais antigo. Continuando vemos já o novo dispensário que

se destaca do velho edifício que vai ser adaptado a creche.

A acção desta missão estende-se por muitas centenas de quilómetros e como no tempo dos apóstolos nada faz calar a pregação da Boa Nova a toda a «tribuna, língua e povo».

O dia 15 de Setembro foi este ano de grande festa para esta Missão. Com a assistência das Autoridades Administrativas locais procedeu-se à inauguração solene do novo edifício escolar e do novo dispensário. Uma formatura de muitas centenas de alunos da Missão e das catequeses em redor cantou a Portuguesa à chegada do Sr. Administrador e das demais entidades.

Em primeiro lugar foi cortada a fita que vedava a entrada da Escola. O novo edifício escolar tem 4 belas salas com 6×9 ms, uma sala para Biblioteca e dois escritórios. As salas estão mobiladas com carteiras individuais, e a destinada à classe Infantil com grandes mesas. Todo o trabalho de carpinteiro foi feito na escola de artes e ofícios desta missão assim como todos os outros trabalhos.

Depois passámos ao dispensário. Este edifício é uma pequeno «Hospital» como os indígenas lhe chamam. Entramos por um corredor onde estão situadas dum lado e doutro as salas de consulta e de tratamentos, dispondo do material indispensável para cada função. Depois seguem-se duas enfermarias — uma para cada sexo — mobiladas com 6 camas cada. Completam o edifício as instalações sanitárias e uma cozinha e arrecadação.

O nosso trabalho religioso desenvolve-se juntamente com o escolar através das catequeses e dos grupos a cargo de obreiros leigos. Actualmente o total de ambos é de 48, dez dos quais estão em dificuldades de prosseguirem. A maior festa do ano entre os crentes são os Congressos, onde o nosso povo se reúne, onde se realizam

os baptismos etc. Este ano os nossos Congressos tiveram uma assistência de 5.000 pessoas, e nele foram realizados 250 baptismos. Isto representa um aumento de cem por cento sobre o ano passado. Por todo o lado por onde passamos chegamos nos novos pedidos que a maior parte das vezes não podem ser deferidos. O nosso curso de catequistas que funciona desde o ano passado a cargo do Prof. A. Caldeira está preparando os jovens que precisamos para aumentar o nosso trabalho. Mesmo assim este ano tivemos de colocar quatro somente com o primeiro ano. Também dois catequistas mais antigos foram chamados a novas responsabilidades como evangelistas (Chefes de áreas).

Durante o último ano foram abertos dez novos lugares o que fez quase duplicar o número de membros da Escola Sabatina, que se elevam agora a cerca de quatro mil.

No aspecto escolar temos agora funcionando além do curso de catequistas, o ensino rudimentar, elementar, profissional e doméstico. Este último destina-se à preparação das raparigas e o seu programa vai incluir além da costura, o tratamento de roupas, cozinha e higiene. Este ano dispomos já também de instalações próprias.

Na Missão existem este ano 300 alunos, incluindo 27 raparigas e quarenta rapazes internos. Também mais mil alunos assistem às aulas de português nas catequeses.

A Assistência médica no dispensário a cargo da Ir. Milca Morgado, teve este ano um movimento muito grande como se pode apreciar pelos seguintes números:

Doentes vistos	2.802
Tratamentos feitos	7.924
Injecções dadas	4.114
Curativos	8.942
Dentes tirados	67
Doentes internados	34
Vacinações	431

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1958

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Manuel de Jesus Correia Ratana	1.544	256	7.050\$00	10\$00	50.910\$00	57.970\$00
Adelino Nunes Diogo	1.907	474	14.085\$00	665\$00	29.440\$00	44.190\$00
António Gomes Duarte	2.052	648	17.835\$00	2.100\$00	18.600\$00	38.535\$00
Inácio Duarte da Conceição	1.862	193	5.867\$50	505\$00	28.510\$00	34.882\$50
Eliseu Gomes	1.195	375	7.030\$00	95\$00	27.650\$00	34.770\$00
Amílcar Godinho Lopes	658	381	16.725\$00	310\$00	11.200\$00	28.235\$00
João António	1.930	798	26.617\$50	—\$—	—\$—	26.617\$50
Maria Luísa Saboga Serra	1.169	3	85\$00	—\$—	25.800\$00	25.885\$00
Eliás Mendes Rodrigues	1.597	390	11.282\$50	895\$00	9.385\$00	21.562\$50
José Manuel Pereira de Matos	254	12	430\$00	15\$00	19.300\$00	19.745\$00
António Tomás Pinto de Aguiar	713	117	3.160\$00	580\$00	14.575\$00	18.315\$00
Isaías da Silva	1.271	151	2.485\$00	2.335\$00	12.505\$00	17.325\$00
Missão dos Açores	—	120	3.005\$00	—\$—	11.100\$00	14.105\$00
Domingas da Conceição Martins	1.516	142	3.205\$00	1.615\$00	8.530\$00	13.350\$00
Artur Abreu de Oliveira	665	47	1.435\$00	230\$00	11.680\$00	13.345\$00
Marcolino Oliveira	2.036	133	2.970\$00	3.370\$00	6.650\$00	12.990\$00
Júlio Augusto Ribeiro Luís	752	50	1.232\$50	430\$00	8.950\$00	10.612\$50
Ernesto de Sousa Almeida	271	51	1.630\$00	235\$00	7.400\$00	9.265\$00
Eduardo Moniz Andrade	247	32	310\$00	20\$00	8.875\$00	9.205\$00
Anselmo Gorgulho de Almeida	144	185	4.160\$00	210\$00	3.600\$00	7.970\$00
Afonso António	1.717	313	7.955\$00	—\$—	—\$—	7.955\$00
Missão de S. Tomé	—	150	5.373\$50	—\$—	2.260\$00	7.633\$50
Manuel Jorge de Mendonça	570	25	680\$00	1.418\$50	5.275\$00	7.373\$50
Missão de Cabo Verde	—	40	1.250\$00	—\$—	5.150\$00	6.400\$00
Francisco Quintino	385	22	790\$00	1.289\$00	3.000\$00	5.079\$00
Maria da Conceição F. Rezende	251	24	835\$00	945\$00	2.150\$00	3.930\$00
Joaquim Reis Lopes	206	1	10\$00	85\$00	3.590\$00	3.685\$00
Joaquim Dias de Oliveira	129	2	90\$00	80\$00	3.510\$00	3.680\$00
Judite Gabriela de Aguiar	70	—	—\$—	130\$00	3.500\$00	3.630\$00
Missão da Madeira	—	113	2.767\$50	770\$00	—\$—	3.537\$50
António Augusto Lopes	341	3	50\$00	545\$00	2.500\$00	3.095\$00
Fernando Caetano Nunes	210	3	45\$00	210\$00	2.500\$00	2.755\$00
Micaela do Céu Dias da Silva	174	55	1.597\$00	45\$00	1.075\$00	2.717\$00
Arnaldo Martins	228	1	10\$00	130\$00	2.050\$00	2.190\$00
Maria Virgínia Moreira	23	—	—\$—	628\$00	800\$00	1.428\$00
Celestina e Ester Gomes Duarte	137	—	—\$—	420\$00	1.000\$00	1.420\$00
Aurélia Simões da Silva	16	—	—\$—	—\$—	1.400\$00	1.400\$00
Manuel Armindo Morais Ferreira	50	4	80\$00	160\$00	600\$00	840\$00
João José Parreira Lopes	45	—	—\$—	20\$00	750\$00	770\$00
João Machado Cardoso	20	—	—\$—	—\$—	750\$00	750\$00
José Duarte Henriques	50	9	135\$00	—\$—	600\$00	735\$00
Zulmira Pinto Machado	34	10	410\$00	50\$00	250\$00	710\$00
Daniel José Soares Freire	22	15	390\$00	30\$00	200\$00	620\$00
Maria Ester Cardoso Guedes	49	—	—\$—	5\$00	550\$00	555\$00
Diversos	254	1.265	27.249\$00	1.177\$00	20.680\$00	49.106\$00
Totais.....	26.764	6.613	180.317\$00	21.757\$50	378.800\$00	580.874\$50

O Secretário de Publicações

J. Simões Grave

O valor da assistência prestada subiu a mais de quinze mil escudos.

Por tudo isto se pode fazer uma ideia do trabalho que Deus nos está ajudando a fazer nestas terras da Zambézia. Temos muitas dificuldades e todos pedimos as

suas orações para que Deus abra o caminho para esta mensagem correr por todo o Moçambique. Os perigos que ameaçam a África no momento actual só podem ser encarados com o trabalho religioso. Só Cristo pode modificar os ho-

mens e as mulheres em cidadãos úteis para a sua Pátria e aptos para o reino dos céus. É nisto que nós queremos fazer a nossa parte como portugueses e como cristãos.

Joaquim Morgado



A PÁGINA DOS JOVENS

4.º ARTIGO

O CASAMENTO

POR TAYLOR G. BUNCH

Os quatro acontecimentos mais importantes na vida humana são, decerto, o nascimento, a conversão, o casamento e a morte. Não depende de nós, da nossa vontade, da nossa escolha, nem o primeiro nem o último; mas os outros dois são controlados pelas nossas próprias decisões. Como agentes morais livres dotados do poder de escolha, podemos decidir a favor ou contra a nossa conversão, assim como podemos determinar, em grande medida, se o nosso casamento virá a ser um êxito ou um malogro.

É claro que a conversão se deve efectuar antes do casamento, pois um dos factores que contribui para uma vida feliz de casados consiste, precisamente, em que os dois cônjuges sejam verdadeiros cristãos. As estatísticas elaboradas, recentemente, mostram que o número de divórcios nos lares não-Cristãos excede sete vezes o dos lares Cristãos. É só quando o marido e a esposa amam Deus acima de tudo, que também se podem verdadeiramente amar um ao outro.

A idade mais própria para o casamento é determinada pela experiência e pela escolha judiciousa. Um conselheiro experimentado declarou que a maior percentagem de casamentos felizes se encontra nas idades de vinte e quatro anos para o noivo e vinte e dois para a noiva. O marido deveria ser, regra geral, mais velho que a esposa, de dois a seis anos.

Certa autoridade nesta matéria declarou, recentemente, que a taxa dos divórcios é 14 por cento mais alta que o normal, quando ambas as partes têm vinte anos ou são ainda mais novas.

E a Irmã White declarou o seguinte: «Os jovens que ainda não chegaram aos vinte anos são uns pobres juizes incapazes de julgar se outro jovem mais novo que eles lhe convirá para companheiro de toda a vida». «Não devem ser encorajados os casamentos prematuros».

Os casamentos antes dos vinte anos são imprudentes por várias razões. Primeiro porque ambas as partes ainda não possuem a sensatez necessária tanto na experiência como no juízo para tomarem decisões importantes ou para assumirem uma tão séria responsabilidade, como é o casamento.

Em segundo lugar, a sua educação está incompleta, e está bem demonstrado que, regra geral, é mais difícil e complicado concluir os estudos, quando já se está casado.

Em terceiro lugar, as receitas financeiras também são mais reduzidas. O dizer-se que dois podem ter uma vida tão barata como um só, é um mito que já não se acredita!

Custa a acreditar como é que uma pessoa que ganha dificilmente para se sustentar a si mesmo, é capaz de pensar em casar-se, continuando a ter os mesmos recursos financeiros.

Em quarto lugar, os jovens que ainda não têm vinte anos, não formaram, ainda, um círculo suficientemente amplo de amigos, de entre os quais deverão fazer uma selecção inteligente, para escolher o companheiro para toda a vida. Também necessitam de mais experiência nos assuntos da vida prática, e mais maturidade, tanto mental, como física.

Os casamentos entre jovens de pouca idade são perigosos, porque muitas vezes estão baseados, apenas num mero sentimentalismo e na vaidade, em vez do verdadeiro amor. O ideal é que o casamento seja precedido, pelo menos, de dois anos, durante os quais os nubentes tenham passado pelo período da camaradagem, da amizade e do namoro, como vimos nos três artigos precedentes. O amor verdadeiro é uma planta muito delicada de crescimento bastante lento e de origem celestial; por isso deve ser cultivado com muita prudência e com todo o cuidado, durante algum tempo, antes que culmine no matrimónio.

A duração do tempo do noivado — após o pedido de casamento — não deve ser longa, pois supõe-se que os noivos já tiveram o tempo suficiente para se decidirem, definitivamente. Seja, porém, como for, é preferível um rompimento a tempo do que dar um passo errado.

Saliente-se porém, que o tempo do noivado não é, de modo al-

gum, um tempo experimental de casamento; por isso devem os noivos manter toda a reserva prudente e delicada imposta pela dignidade pessoal e pela consciência cristã, evitando toda e qualquer intimidade que pertence, apenas, ao estado matrimonial. Nunca pensem os noivos em solicitar privilégios prematuros; além de procederem contra a razão e a consciência, arriscam-se a entrar no caminho de futuras infidelidades.

A cerimônia nupcial deve ser planejada e anunciada com o tempo suficiente, de modo a evitarem-se contra-tempos que costumam resultar, por vezes, de casamentos súbitos, inesperados, secretos.

Devem convidar-se os parentes e os amigos para se associarem ao regozijo dos noivos.

O serviço religioso deve ser caracterizado pela simplicidade que é a essência do bom gosto e da sensatez.

Por isso devem evitar-se todas as extravagâncias, pois infelizmente, a tendência moderna é para as excentricidades. Na cerimônia religiosa só se deve executar música apropriada. As músicas profanas, que nunca são permitidas no serviço do dia de Sábado, podem reservar-se para a entrada. As alianças — anéis — não são de uso corrente nas nossas cerimônias. Diz-nos o conselho inspirado «nem um só centavo se deverá gastar com um anel de ouro destinado a testificar que estamos casados». Contudo, também a Irmã White acrescenta que noutros países, fora dos Estados Unidos «onde vigora tal costume, não se deve condenar que se usem as alianças». (*Testimonies to Ministers*, págs. 180, 181).

As cerimônias religiosas do casamento não devem ser interrompidas de maneira irreverente e barulhenta, com fotografias; muito menos devem ser perturbadas com o lançamento de confeitos ou arroz.

A lua de mel é o período de transição entre a boda e o estabelecimento definitivo da nova vida de casados, no lar. É o prólogo e a introdução à vida de casados; deve ser caracterizada pelo respeito pela cortezia.

O jovem par deve encontrar-se só, de modo a poderem os dois cônjuges adaptar-se o melhor possível ao novo modo de vida que se apresenta diante de si. Se forem sensatos evitarão fazer visitas e longas viagens. Tal período não deve ser inferior a uma semana, nem mais de quatro. Logo no seu primeiro dia de casados deverão erguer o altar de família, como o centro da vida do lar. Será, assim, o convite dirigido a Jesus para ser o Guia, o Mediador e o Conselheiro do novo lar.

Há alguns anos atrás, um obreiro regressava à noite, a casa, muito desgostoso, porque não via nenhum êxito nos seus esforços missionários que ia efectuando através das aldeias nas planícies de Montana. Os auditórios eram reduzidos e não havia decisões. Regressava, pois, a casa, resolvido a abandonar o trabalho.

Passava, então, em frente de uma pequena casa agrícola; viu, através de uma janela que a famí-

lia estava reunida em volta de uma mesa, e que o chefe da casa estava dirigindo o culto de família; todas aquelas pessoas, em dado momento se ajoelharam. Naquele momento o coração daquele obreiro encheu-se de grande esperança e orando ao Senhor fez o propósito de não desanimar.

Prezados jovens! Há uma gloriosa esperança de felicidade, no lar em que a família se reúne, diariamente, em torno do altar do lar, para elevar as suas orações, as suas súplicas até junto do trono de Deus.

A necessidade que todos temos da graça divina nunca cessa.

Ora, é diante do altar do lar que deve principiar o dia, assim como também deve findar.

O amor de Deus é indispensável durante a camaradagem dos jovens, durante o namoro, o noivado, sempre.

Deus — primeiro, último e sempre — é o grande e inabalável ali- cerce da verdadeira felicidade.

Reflexões sobre o Sermão da Montanha

(Continuação da pág. 11)

feita justiça, harmonia com Deus, conformidade absoluta com os princípios da Sua lei. A norma de carácter apresentada no Velho Testamento, é a mesma que se apresenta no Novo Testamento. Esta norma não é de molde a não a podermos atingir. Em toda a ordem, ou mandamento, dado por Deus, há uma promessa, a mais positiva, a fundamentá-la. Deus tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumpri-la-á para todos os que não interpuserem uma vontade perversa, frustrando, assim, a Sua graça.

Jesus disse: «Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai». Se sois filhos de Deus, sois participantes da Sua natureza, e não podeis deixar de ser semelhantes a Ele. Todo o filho vive pela vida do pai.

Se sois filhos de Deus — gera-

dos pelo Seu Espírito — viveis pela vida de Deus. Em Cristo habita «corporalmente toda a plenitude da divindade» (Colossenses 2:9); e a vida de Jesus manifestou-se «em a nossa carne mortal» (II Coríntios 4:11).

Essa vida produzirá em vós o mesmo carácter, e manifestará as mesmas obras que produziu n'Ele.

Assim estareis de harmonia com todo o preceito da Sua lei; pois «a lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma». Salmo 19:7.

Mediante o amor, «a justiça da lei» será cumprida «em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito». (Romanos 8:4).

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

CAIXA DE PERGUNTAS

Um nosso leitor envia-nos a seguinte objecção que lhe apresentaram:

«Por que nos deveremos ocupar com o segundo advento de Jesus, pois ninguém pode dizer se o Senhor virá amanhã ou daqui a mil anos. De resto, através de todos os séculos, têm os Cristãos aguardado, em vão, a volta de Jesus. Até os Apóstolos se enganaram neste ponto, supondo que Jesus viria no tempo deles.»

Resposta:

É verdade que os Apóstolos apresentavam aos crentes, como o mais importante acontecimento futuro, o segundo advento de Jesus. A Volta do Senhor Jesus era o centro e circunferência das pregações apostólicas. Voltando os olhos para trás, viam Jesus crucificado e depois ressurgido dos mortos. Olhando para cima, viam Jesus intercedendo a favor dos homens, como Sumo Sacerdote. Olhando para a frente, viam o Senhor Jesus chegando nas nuvens do céu. Por isso não entravam nos seus cálculos os acontecimentos terrestres. Tudo se subordinava às relações de Jesus para com eles — o que por eles fizera, o que ainda por eles estava fazendo, e afinal a Sua vinda para os levar para junto de Si. O próprio facto de fixarem os pensamentos tão firmemente nesse acontecimento futuro, poderia facilmente levar o leitor superficial da Bíblia a concluir que os Apóstolos todos acreditavam e ensinavam que Jesus haveria de voltar, ainda nos seus dias.

Mas não há nenhuma razão para se concluir assim.

S. Paulo na sua primeira epístola aos Tessalonicenses, fala dos mortos que hão-de ressuscitar, e dos homens que estarão vivos, quando o Senhor voltar (I Tessalonicenses 4:15). Daí muitos concluem não só que os Apóstolos esperavam a vinda de Jesus, nos

seus dias, mas também que alguns dentre os Tessalonicenses entendiam que Paulo desejava que eles acreditassem que estava imminente a volta de Jesus.

Mas tal interpretação das palavras de S. Paulo é errônea, pois na sua segunda epístola aos mesmos Tessalonicenses, o Apóstolo aproveitou a ocasião para corrigir essa impressão, dizendo: «Não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto». (II Tessalonicenses 2:2).

Em seguida assegura-lhes que tal dia não há-de vir, antes que se cumprisse uma dada profecia, e que esta não se poderia cumprir «sem que antes venha a apostasia». (Versículo 3). S. Paulo disse aos anciãos de Éfeso que essa apostasia viria depois da sua «partida», isto é, depois da sua morte. (Ver Actos 20:28-30; III Timóteo 4:7,8).

A seu filho espiritual, Timóteo, escreveu ele, da prisão em que havia de terminar os seus dias, em Roma: «O que de mim, entre muitas testemunhas ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idóneos para também ensinarem os outros». (III Timóteo 2:2).

Como se vê, S. Paulo olhava para acontecimentos muito para além do período da sua vida e do seu tempo, assim como para a prègação do Evangelho através dos anos que estavam para vir.

Nos tempos do Antigo Testamento, os profetas frequentemente não compreendiam as profecias que pronunciavam, pois eram eles, apenas, o veículo de que Deus se servia para transmitir os seus ensinamentos ou advertências aos homens.

As profecias deveriam ser cuidadosamente estudadas, para serem compreendidas, principalmente, por aqueles indivíduos, por aquelas gerações, em cuja idade se realizariam.

Foi o que o apóstolo S. Pedro explicou à igreja do Novo Testamento. (Ver I Pedro 1:9-12).

Efectivamente assim escreveu o apóstolo S. Pedro: «Temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vossos corações». (II Pedro 1:19).

Prosseguiremos, no próximo número.

AS NOSSAS EMISSÕES

As nossas Emissões, em português, podem ouvir-se, em boas condições através de

Rádio África Tânger

na banda dos 506 metros (593 kc), todas as segundas-feiras, às 22 horas.

Ouçamos as nossas belas emissões da VOZ DA PROFECIA, em português, e recomendamos aos nossos amigos e conhecidos que também as ouçam.

Apresentam lindos coros polifônicos e a gloriosa Mensagem da Salvação.

(Continuação da pág. 8)

A Enfermagem Adventista no Iraque

Pela primeira vez no Iraque, as nossas enfermeiras foram equiparadas às enfermeiras oficiais.

Sem outras formalidades, as alunas da nossa Escola de Enfermagem foram admitidas aos exames de enfermagem oficiais, a fim de receberem o seu diploma oficial.

Todas as nossas jovens enfermeiras ficaram aprovadas e receberam o diploma oficial de enfermagem.